

EIXO TEMÁTICO: EIXO TRANSVERSAL

A IMPORTÂNCIA DOS SABERES E PRÁTICAS DE CURA TRADICIONAIS NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19: UMA REVISÃO NARRATIVA

DOI: 10.53524/lit.edt.978-65-84528-08-6/25

Rafaela Cavalcante de Barros

Mestranda, Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental,
Universidade de Pernambuco
rafabaarros7@gmail.com

Gyselle Tenório Guênes

Mestranda, Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental,
Universidade de Pernambuco
gyselletenorioguenes@gmail.com

Aureliane Cadengue Galindo

Mestranda, Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental,
Universidade de Pernambuco
aureliane.social@gmail.com

Pedro Henrique Sette de Souza

Doutor, Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental,
Universidade de Pernambuco
pedro.souza@upe.br

Ana Carolina de Carvalho Correia

Doutora, Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental,
Universidade de Pernambuco
ana.correia@upe.br

Resumo

Introdução: A pandemia da COVID-19 atingiu de forma diferente a sociedade, sendo as populações vulneráveis umas das mais afetadas. Neste momento pandêmico, é preciso ter mais racionalidade ética na ciência, mobilizando diversos conhecimentos e sensibilidades humanas. **Objetivos:** Objetivou-se fazer uma revisão narrativa a partir de um levantamento dos trabalhos que documentam os conhecimentos, práticas, contribuições e aplicações de saberes de cura das comunidades tradicionais no Brasil, no enfrentamento da pandemia da COVID-19. **Métodos:** De natureza qualitativa, este trabalho é uma revisão narrativa, feita de março a abril de 2022. Optou-se pela revisão da literatura em base de dados como Scielo, Biblioteca Virtual de Saúde, Periódicos indexados e Google Acadêmico. A pesquisa foi contemplada por 68 trabalhos de acordo com os descritores: “conhecimento tradicional”; “COVID-19”; “pandemia” e “cura”. Os critérios de inclusão foram pesquisas que abordassem os saberes e práticas de cura tradicionais no enfrentamento da COVID-19. Após a leitura e a categorização das produções foram selecionados 15 produtos para o estudo. **Resultados e Discussão:** Observou-se que a maioria dos relatos encontrados é da população indígena, seguido por relatos que abordam o uso de plantas medicinais e/ou conhecimentos tradicionais em territórios mistos e em seguida as narrativas de religiões de matrizes africanas. Inúmeras foram as barreiras encontradas por essas comunidades com a chegada do COVID-19. A pandemia atual evidenciou debates, como a importância dos conhecimentos tradicionais e das plantas medicinais, o uso indevido de remédios caseiros, a automedicação e a emergência de políticas que contemplem a

etnoconservação. **Conclusão:** A partir dos trabalhos revisados, conclui-se, que as comunidades tradicionais prezam por manter e aplicar seus conhecimentos tradicionais para auxiliar seus povos nos tratamentos e recuperação da doença. Destaca-se a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que pautem uma educação em saúde inclusiva e decolonial.

Palavras-chave: COVID-19; Conhecimento popular; Produtos naturais.

Eixo Temático: Eixo Transversal

E-mail do autor principal: rafabaarros7@gmail.com

INTRODUÇÃO

O avanço da pandemia de COVID-19, de nome SARS-CoV-2, atingiu de forma diferente cada hierarquia social (OPAS,2020). Os mais afetados por esta crise sanitária são as comunidades com menos capital social e econômico, como povos indígenas, quilombolas e afrodescendentes. Vale ressaltar que o local ocupado geograficamente pelos segmentos na sociedade é reflexo de questões históricas, políticas e econômicas, produzidas pelas segregações de classe social, gênero e raça. Visto que já estavam imersos em um quadro histórico de desigualdades, a luta com os efeitos originados pela COVID-19 torna-se um caminho tortuoso.

Segundo Krenak (2020), “para se combater o novo coronavírus primeiro é preciso ter cuidado e depois coragem”. Nesse enfrentamento, este trabalho traz a valorização do conhecimento local das comunidades tradicionais, as estratégias de autoproteção, como o resgate e/ou disseminação dos saberes e práticas de saúde.

Benzimento, uso de plantas medicinais e de poder, cantos, orações e defumações são algumas das ações de conservação e reconstituição da saúde. Estudos apontam que 80% da população mundial faz uso de algum tipo de planta com o intuito de aliviar sintomas ou dores, pois são acessíveis e menos danosos ao corpo (ZENI *et al*, 2017). Evidenciando assim a importância destes conhecimentos e o uso abundante pela população em geral como atenção primária à saúde.

O conhecimento tradicional associado é definido como a “informação ou prática de população indígena, comunidade tradicional ou agricultor tradicional sobre as propriedades e usos diretos ou indiretos associada ao patrimônio genético” (BRASIL, 2015). Ela define, ainda, como comunidade tradicional o grupo culturalmente diferenciado que se reconhece como tal, possui forma própria de organização social e ocupa e usa territórios e recursos naturais como condição para

a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição (BRASIL, 2015).

Segundo Carbonari (2020) estamos em uma travessia neste momento pandêmico, onde é preciso ter mais racionalidade ética na ciência, mobilizando diversos conhecimentos e sensibilidades humanas. A urgência de uma abertura dialógica interdisciplinar torna-se nítida, entre os diferentes saberes e conhecimentos, aproveitando ao máximo as experiências acumuladas, como os conhecimentos tradicionais.

Para acabar com esta desigualdade atroz que assola a humanidade é preciso realizar um novo tipo de ciência. Uma ciência que não trabalhe para o desenvolvimento de uma pequena parcela da população e conseqüentemente tire os direitos, que são inerentes à vida, da maioria (CARBONARI, 2020). Assim, questiona-se também, os padrões civilizatórios (que continuam coloniais), o modelo econômico em evidência e a racionalidade biomédica¹, movimentos que apóiam o modelo hospitalocêntrico que na atualidade oprime as diversas expressões de cura.

Diante do exposto, este trabalho se propõe a tecer uma revisão narrativa dos achados na literatura que documentam os conhecimentos, práticas, contribuições e aplicações de saberes de cura de comunidades tradicionais do território brasileiro, no enfrentamento da pandemia da COVID-19. Visando a difusão da importância desses saberes e práticas, o presente trabalho defende o uso e a sistematização racional e ética desses conhecimentos e a emergência de uma ciência que trabalhe para a equidade social e a conservação da natureza, atendendo às maiorias em vulnerabilidade.

MÉTODOS

O presente estudo de natureza qualitativa utiliza como método a revisão narrativa da literatura, a qual apresenta como finalidade reunir e concentrar o conhecimento científico já produzido sobre os saberes tradicionais e suas contribuições para a saúde em tempos de pandemia da

¹ Esta é referente à constituição do campo de conhecimento e prática médica a partir do século XVII, no qual todas as profissões da saúde foram baseadas, costurando o controle dos corpos individuais e sociais em aliança com a organização do Estado e a estruturação da sociedade capitalista (FOUCAULT, 1997).

COVID-19. Oportunizando assim, a busca e a síntese das evidências contidas na literatura para contribuir com o desenvolvimento do conhecimento na temática.

A pesquisa ocorreu no período de março a abril do ano de 2022 e a busca realizou-se nas seguintes bases de dados governamentais: Scielo, Biblioteca Virtual de Saúde, Periódicos indexados e Google Acadêmico. Para a busca dos artigos foram utilizados os seguintes descritores: “conhecimento tradicional”; “COVID-19”; “pandemia” e “cura”. Os critérios de inclusão foram pesquisas que abordassem os saberes e práticas de cura tradicionais no enfrentamento da COVID-19 e como critério de exclusão os estudos incoerentes com a proposta do trabalho, aqueles que não abordavam as temáticas COVID-19, saberes e culturas tradicionais e aqueles que não disponibilizaram gratuitamente o texto para leitura e análise.

A pesquisa foi contemplada por 68 trabalhos de acordo com os descritores. Assim, após a análise criteriosa, com o intuito de facilitar a sistematização, as referências foram divididas por grupos: “indígenas”, “religiões de matrizes africanas”, “benzimentos” e “outros”. Porém, após a leitura e a categorização das produções que atenderam os critérios estabelecidos previamente, foram selecionados apenas 15 produtos para a costura do presente artigo. Por fim, a síntese das temáticas foi realizada com o intuito de descrever e classificar os resultados, apresentando o conhecimento produzido sobre o tema proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atual pandemia evidenciou diversos debates e reflexões sobre os processos sociais, políticos e econômicos no Brasil. Os impactos gerados em sua decorrência constataram, e constatam até hoje, as injustiças e as resistências de variados povos neste país.

Ao analisar o material selecionado, observou-se que a maioria dos relatos encontrados é de produtos com relatos de populações indígenas, seguido por trabalhos que abordam o uso de plantas medicinais e/ou conhecimentos tradicionais que não se encaixam nos grupos categorizados, este grupo foi chamado de “outros”. Neste grupo, há uma variedade de trabalhos que relatam uma diversidade temática: a comercialização de plantas medicinais, revisões de trabalhos sobre pandemia e o uso de plantas medicinais, ética e ciência em tempos de

pandemia, saúde e espiritualidade e outros. Em seguida, o terceiro em quantidade, as narrativas de religiões de matrizes africanas.

O saber tradicional, oriundo da relação entre o humano e a natureza, está intimamente relacionado ao contexto territorial e é essencial como parte integrante da história das comunidades tradicionais. De acordo com o Instituto Socioambiental (2020), com sabedoria ancestral e troca de conhecimentos, os indígenas do Alto Rio Negro criaram um protocolo próprio de tratamento contra a COVID-19 que inclui uso de chás de plantas amazônicas, banhos, defumações e benzimentos. No país, os povos indígenas e as comunidades tradicionais que já anteriormente vulnerabilizados, tiveram que travar uma nova batalha, a luta contra o vírus. Nesse enfrentamento, alguns indígenas estão utilizando remédios naturais e tradicionais dos seus territórios, demonstrando a força dos conhecimentos ancestrais e da etnobioidiversidade² (MONDARDO, 2020).

Além disso, o expressivo uso de plantas, com efeito medicamentoso, revela que não se trata apenas de um “conhecimento tradicional”, mas um saber que se constitui e se estabelece na continuidade dessas práticas, como relata Rodrigues *et al.* (2020) em seu estudo com comunidades tradicionais de quatro municípios no território do Baixo Tocantins no Pará. Afirma também que a dieta alimentar e as práticas no uso das plantas medicinais dos grupos estudados, como se vê no preparo e consumo do caribé, demonstram o cuidado devotado ao doente e se traduzem em um ritual de vida.

Estudo de Pinto *et al.* (2021) revela que as populações amazônicas, sobretudo, as de mais baixa renda, fizeram largo uso da medicina natural da floresta, resultante dos conhecimentos tradicionais, até porque no sistema de crenças dessas religiões, ervas, cascas, folhas e raízes, gozam de prestígio curativo. As denominações religiosas de matrizes africanas detêm uma relação próxima com os elementos da natureza. A ancestralidade está atrelada a natureza e a tem como componente central para seus adeptos, haja vista a relevância que os elementos da natureza detêm nos rituais e cultos aos orixás. As técnicas de manuseio dessas matérias-primas (jambu, andiroba, copaíba, mel, açafraão, xarope de cupim, dentre

² É a riqueza da natureza da qual participam os humanos, nomeando-a, classificando-a, domesticando-a, mas de nenhuma maneira selvagem e intocada. A etnobioidiversidade pertence tanto ao domínio do natural e do cultural, mas é a cultura como conhecimento que permite que as populações tradicionais possam entendê-la (DIEGUES, 2000).

outras substâncias) encontram-se também presentes no tesouro do capital simbólico das religiões de matrizes afro-indígenas.

Arrieche (2021), em seus estudos, explana a atual pandemia como uma oportunidade para a comunidade Avié de nacionalidade ai'cofán da Amazônia Equatoriana, pois vem contribuindo para o fortalecimento do território através das práticas agroecológicas e suas ações de retomada de valores tradicionais. Para a comunidade Avié a doença não é uma manifestação puramente biológica, mas também tem relação com um compilado de acontecimentos éticos e com um modo de produção extrativo. De modo geral, para eles, tudo aquilo que está interligado aos valores da sociedade capitalista e de consumo, produz doença, enquanto tudo aquilo mais associado a uma naturalidade, produz saúde.

Já na reflexão de Sarmiento (2020), indígena e pesquisador, do povo Tuyuka-Utâpinoponã da comunidade São Pedro do Alto Rio Tiquié no Amazonas, em sua autoetnografia explana a importância do ritual de *Dabucuri*, cerimônia milenar que contempla vários dias e envolve trocas de saberes e conhecimentos com cantos, música, dança, bebida, alimentos, histórias, ornamentos, ritos de passagens, momentos de aliança política social e arranjos matrimoniais. Esta cerimônia continuou sendo realizada nesta comunidade, mesmo com os riscos de contágio. E segundo o mesmo autor os ritos de sagrados tiveram sua eficácia, quando se trata da prevenção da pandemia na vida prática do povo Tuyuka. Para ele é preciso uma visão integrada, unindo a natureza na relação com o homem, pois possibilita a geração da harmonia.

Vale ressaltar a importância desses registros para a luta pelos direitos das populações indígenas, pela valorização dos espaços de cultura e identidade, rompendo com os pensamentos eurocêntricos e fortalecendo os múltiplos conhecimentos.

As religiões de matrizes africanas, que também sentiram de forma significativa o impacto desta pandemia, fizeram uso de medidas sanitárias, ações sociais, práticas tradicionais de cura e ritos religiosos entrelaçando, motivando e ressignificando uns aos outros (CALVO, 2021). Nesse sentido, com o avanço da pandemia, as comunidades de terreiro se organizaram de forma a manter seus ritos tradicionais como forma de proteção à saúde de seus membros.

Nesta perspectiva, estratégias foram lançadas como a adesão aos meios de internet para suas celebrações litúrgicas aos orixás e para difundir orientações de

prevenção e cuidado, acatando o posicionamento da ciência, somando-a ao seu conhecimento tradicional. A tecnologia, por meio das videoconferências, redes sociais e sites, se tornou uma ferramenta essencial no processo de isolamento social, mecanismo básico exigido para a diminuição das transmissões virais. No enfrentamento ao Coronavírus, “as lideranças das religiões afro-brasileiras se serviram de diferentes estratégias para cuidar de si, da própria família, de suas comunidades e do planeta” (CALVO, 2021). No cuidado à saúde é comum nessas comunidades os rituais e práticas culturais por meio de chás e banhos de folhas.

Segundo Alves (2021) com os surgimentos de novas doenças e com a pandemia da COVID-19 que alastrou o mundo, as pessoas que acreditavam nos saberes dos rezadores buscaram ajuda desses agentes, na intenção de encontrar alguma reza ou remédios de ervas medicinais que combatesse essa doença. Os rezadores com seus conhecimentos buscaram alguns remédios que amenizassem os sintomas da doença, muitos fizeram chás de várias ervas medicinais e isso fez nascer novos chás e utilização de ervas misturadas para combater os sintomas.

Para além dos saberes e práticas de cura documentados dentro das comunidades tradicionais, é considerado o debate desses conhecimentos para além desses territórios. Segundo Oliveira Filho (2021) as plantas medicinais, transcendem espaço, local e tempo. Como exemplo, encontra-se na atualidade, na internet e outros meios sociais, o uso terapêutico de diversas plantas. A falta de informações leva muitas pessoas a realizarem uma automedicação com remédios caseiros de forma irresponsável, assunto relevante durante esta pandemia (GRANEZ, 2021; TEIXEIRA & MIRANDA JUNIOR, 2020; LIMA *et al.* 2020). A Organização Mundial da Saúde (OMS) batizou como infodemia estas multiplicações exponenciais de informações em decorrência a um evento específico. Deste modo, os impactos da pandemia do COVID-19 fortalecem os debates sobre as políticas e legislações relacionadas ao uso de plantas medicinais, ainda deficientes (BARRETO *et al.*, 2020).

Para Grana (2021) a “COVID-19 reforçou o debate sobre a produção de medicamentos fitoterápicos para o enfrentamento do novo coronavírus e de outras doenças”. O interesse por recursos naturais para a transformação em medicamentos de alto custo é constante. A capitalização, em vigência, dos recursos naturais para obtenção de alopáticos e fitoterápicos industriais vai de encontro com a soberania nacional sobre a biodiversidade e a forma cultural de viver das comunidades locais,

perturbando a sustentabilidade adotada por elas. Deste modo é adequado garantir a participação de quem detém este patrimônio genético, apoiando organizações solidárias e os guardiões e as guardiãs dos saberes que, através de sua cultura ancestral, mantiveram viva a biodiversidade da mente e da natureza de seus territórios.

São muitos os debates que emergem graças à atual pandemia. A questão de fundo que se coloca é a possibilidade de uma racionalidade ética na ciência que contemple todas as formas de conhecimento, de ciência e de vida. Com isto, o desenvolvimento de pesquisas que pautem uma educação em saúde inclusiva e decolonial é necessário. De acordo com Albuquerque e Fleuri (2020) movimentos decoloniais na saúde, embora contra hegemônicos, têm apontado experiências mais plenas de cuidado coletivo, como o Bem Viver – cosmologia que adquire nuances entre povos originários na América Latina. Na perspectiva da decolonialidade não se busca aniquilar as práticas contrárias, mas em considerar a pluralidade sem anular suas singularidades de forma permanente e ética. Ainda, segundo esses autores, aprender com outras epistemologias que trazem capilaridades de cuidado recíproco, incluindo todos os seres da Natureza, é uma possibilidade de potencializarmos outras narrativas para a promoção da saúde e para o adiamento do fim do mundo.

CONCLUSÃO

Os saberes tradicionais praticados pelos diversos povos e comunidades tradicionais desempenharam papel importante na autonomia em saúde dos territórios e, no momento atual, no enfrentamento da pandemia. A necessidade de proteção e difusão desses conhecimentos transcende gerações. A rede de apoio entre os povos e comunidades tradicionais e a divulgação dos conhecimentos foram importantes aliados no enfrentamento dos efeitos da COVID-19, minimizando a problemática saúde-doença.

Com base no levantamento realizado neste trabalho, tornou-se nítida a falta de sistematizações que abordassem as experiências de Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs), relatos de benzedeiras e de territórios de outras regiões geográficas, como o Nordeste, no enfrentamento da COVID-19. Consta-se também, a importância de trabalhos que relatem as diferentes práticas de

cura, uma vez que o maior número dos materiais acadêmicos abordam unicamente o uso de plantas medicinais.

Essa carência de sistematizações denuncia uma lacuna no campo científico, pois estes materiais são de suma importância para as reivindicações de políticas públicas e de ações a nível governamental e de outros movimentos. Conjuntamente, esses registros proporcionam o fortalecimento dos saberes e dos territórios, pois traz reconhecimentos para os detentores e detentoras dos saberes, reforça a importância desses conhecimentos para a autonomia em saúde da comunidade, podendo assim despertar o interesse dos jovens e outros indivíduos para desempenhar a continuidade das práticas locais de cura.

Além de recuperar, mesmo que brevemente, os debates, resistências e embates registrados e refletidos das comunidades tradicionais em tempos de pandemia, este trabalho busca pontuar a evidente a magnitude da dívida histórica da sociedade brasileira com essas comunidades.

Considerando a diversidade desses territórios, faz-se necessário um debate amplo e pesquisas no campo da decolonialidade, de forma dialógica e interdisciplinar, tendo em vista a multiplicidade de práticas tradicionais em saúde e as especificidades socioculturais, de modo que saberes tradicionais e medicina ocidental possam interagir de forma justa e respeitosa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C.P. de. FLEURI, R.M. Lições da pandemia: aprender com outras epistemologias o cuidado coletivo com reciprocidade. **Revista Edição Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 268-280, jul. 2020.

ALVES, G. B. **As Práticas de cura de rezadores e rezadeiras no município de Tonantins-AM**. TCC de Graduação (Antropologia)- Universidade Federal do Amazonas Greyciane Balieiro Alves. Tonantins, p.71, 2021.

ARRIECHE, J.A.A. Primeiro a vida! Agroecologia como resposta à COVID-19 na comunidade Ai' Cofán Avié. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.15, n. 4, p.197-208, 2020.

BARRETO, J.M.B.; MACIEL, N.F.; GARCIA, D.S.S. Plantas Medicinais E Covid-19: Expectativas De Investimento Em Produção De Fitoterápicos No Cenário Pós-Pandemia No Brasil. **Anais de Constitucionalismo, Transnacionalidade e Sustentabilidade**, v.10, p. 177-186, 2021.

BRASIL, 2015. **Decreto Lei nº13.123. 20 maio 2015.** Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm. Acesso em: 10 abr. 2022.

CALVO, D. Redes de cuidado: enfrentamento da Covid-19 nas religiões afro-brasileiras. **PLURA, Revista de Estudos de Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion, [S. l.]**, v. 12, n. 1, p. 121–135, 2021.

CARBONARI, P.C. Reflexões sobre ética e ciência: ensaio no contexto de pandemia Covid-19. **Bauru**, v. 8, n. 2, p. 55-69, 2020.

DIEGUES, A.C. (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, p. 211, 2000.

FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GRANA, M. **Consumo de remédios caseiros durante a pandemia de Covid revela necessidade de investimento em cadeia produtiva de plantas medicinais no Amazonas.** Universidade Federal do Amazonas. v.1, n. 7, 2021.

GRANEZ, M.S. A persistência do misticismo, do senso comum e da má-fé nas receitas milagrosas contra a Covid-19: uma proposta de interpretação. **Revista Mídia e Cotidiano**, v.15, n. 3, p. 144-168, 2021.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Mulheres indígenas do Rio Negro compartilham conhecimentos de remédios tradicionais contra a Covid-19.** São paulo. ISA. 2020.

KRENAK, A. **O Amanhã não está à venda.** Companhia das Letras, 2020.

LIMA, W.G; CARDOSO, B. G.;SIMIÃO, D.C.; AMORIM, J. M.; SILVA, C. A.; BRITO, J.C.M. Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente. **Brazilian Journal of Health and Pharmacy**, v. 2, n. 3, p. 37-53, 2020.

MONDARDO, M. Povos indígenas e comunidades tradicionais em tempos de pandemia da Covid-19 no Brasil:: estratégias de luta e r-existência. **Finisterra, [S. l.]**, v. 55, n. 115, p. 81–88, 2020.

OLIVEIRA FILHO, I.M.; QUEIROZ, J.F.S.; AGUIAR, M.I.; COSTA, E.A.S. Os saberes tradicionais e a utilização de plantas medicinais durante o período de pandemia da COVID-19. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 8, n. 18, p. 276-292, 2021.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Impacto da COVID-19 nos povos indígenas da Região das Américas Perspectivas e oportunidades.** OPAS/EGC/COVID-19/21-0001, Relatório da reunião regional de alto nível, 30 de outubro de 2020.

PINTO, M. S.; OLIVEIRA, L. C.; SOUZA, F. S.; ROSA, V. A. A Covid-19 em Templos, Terreiros e Igrejas na cidade de Manaus. **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 28, n. 56, 2021.

RODRIGUES, E. T. *et al.* A ciência dos povos tradicionais como fonte de cura e de cooperação em tempo de pandemia. **Revista Brasileira de Agroecologia**, vol. 15, nº 4, p.124, 2020.

SARMENTO, E.O.R. A Pandemia da Covid-19 na Vida dos Povos Indígenas: Uma Reflexão Autoetnográfica, a partir dos Ritos Sagrados do povo Tuyuka-Utapinõponã **Vukápanavo: Revista Terena**, n. 03, p. 89-101, 2020.

TEIXEIRA, M.A.A. & MIRANDA JÚNIOR, R.N.C. Levantamento dos Possíveis Remédios Caseiros Disponíveis na Internet para Tratamento do Coronavírus. **Revista Saúde em Foco**, Teresina, v. 7, n. 3, art. 4, p. 49-62, 2020.

ZENI, A.L.B. *et al.* Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 22, n. 8, 2017.